



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

520 anos das Capitanias Hereditárias. 510 anos da descoberta do Rio da Prata por navegantes portugueses. 490 anos da fundação da Companhia de Jesus. 470 anos do Colégio de São Paulo. 460 anos do desembarque de Estácio de Sá em Salvador. 410 anos da vitória de Jerônimo de Albuquerque na Batalha de Guaxenduba, MA. 400 anos da invasão holandesa, tomada de Salvador e início da Guerra do Açúcar. 370 anos da Batalha da Campina do Taborda e do Tratado do Taborda. 340 anos da revolta de Manuel Beckmann no MA. 310 anos do fim da Guerra dos Mascates em PE. 270 anos do início da Guerra Guaraniítica. 250 anos da vitória do Major Rafael Pinto Bandeira no Combate de Santa Bárbara, RS. 200 anos da primeira Constituição do Brasil. 170 anos da 1ª ferrovia brasileira pelo Barão de Mauá. 160 anos do início da Guerra do Paraguai e morte de Antônio João. 150 anos do Combate do Ferrabraz, RS, na Guerra dos Muckers. 120 anos da Revolta da Vacina e da Escola da Praia Vermelha. 110 anos do início da I GM. 100 anos da Revolução Paulista. 80 anos do desembarque aliado na Normandia (06 Jun), da partida do 1º Escalão da FEB para a Itália e da inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras. 60 anos da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, SP, da rebelião militar que deu origem à Contra-Revolução Democrática de 31 de março e da eleição do Gen Humberto de Alencar Castello Branco para a Presidência da República. 30 anos da conquista do tetracampeonato de futebol na Copa do Mundo dos EUA pelo Brasil.

**ANO 2024**

**Maio**

**Nº 453**

## **Caça às bruxas**

Vivemos tempos de caça às bruxas, onde a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade Federal Rio Grande (Furg) resolveram cassar os títulos de doutor honoris causa concedidos ao ex-presidente Emílio Garrastazu Médici, ao ex-ministro da Educação Jarbas Passarinho, ao ex-Chefe da Casa Civil da Presidência da República Gen Golbery do Couto e Silva e ao Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca.

Esqueceram que foi graças a essas autoridades que essa(s) Instituição(ões) de Educação existem, pois foram eles os responsáveis por suas fundações. A UFPel foi criada em 8 de agosto de 1969 e a FURG fundada em 20 de agosto de 1969.

Poderia aderir aos tempos em que o politicamente correto é largamente praticado, onde se cantam loas e elogios mesmo que sejam exagerados, para não dizer falsos. No entanto, vou me permitir ser politicamente incorreto, mesmo sob pena de merecer críticas, pois nesse mundo há espaço para opiniões contrárias ao senso comum.

Assim, vou me permitir condenar essas cassações por serem injustas e ao sabor do oportunismo político do momento e por desconsiderarem que atualmente a Universidade conta com seis *campi*: Campus Capão do Leão, Campus Porto, Campus Centro, Campus Norte, Campus Fragata e o Campus Anglo, onde está instalada a Reitoria e demais unidades administrativas.



campanha e nela o Mocinho tem os olhos vendados, recuperando-se de algum ferimento. Mais adiante ele recuperará a visão mas, ali, ele está cego. A barraca fica próxima a uma das entradas do hospital e a enfermaria tem uma série de pessoas, umas trabalhando e outras se recuperando ou aguardando algo. O ambiente, organizado e limpo tanto quanto possível, é bem vivo.

A cena propriamente começa com a chegada de um soldado, embarrado dos pés à cabeça, puxando o Cavalo, com mais barro ainda. O soldado explica que o Cavalo está ferido e precisa ser tratado. Chamam um oficial médico (ao que lembro, ele é chamado de major), o qual olha o Cavalo rapidamente, conclui que o mesmo deve ser sacrificado e dá ordem a um sargento seu auxiliar para que o faça. O soldado pondera e pede que o Cavalo seja tratado. Paralelamente, curiosos começam a aglomerar-se, assistindo a cena e o animal com frequência relincha. Tudo a um só tempo: o sargento já saca a pistola para cumprir a ordem e incita os curiosos a dispersarem-se; o Mocinho, orientado pelos relinchos, vem tateando, abraça-se no Cavalo e diz reconhecê-lo e que ele era seu antes da guerra, ...; os presentes assistem incrédulos e com cara de quem vai gargalhar com o que está vendo; o sargento continua querendo dispersar os curiosos e está pronto para cumprir a ordem; o Mocinho insiste e começa a descrever o Cavalo (tem esta marca aqui, tal marca ali, ...); de imediato, alguém providencia um balde com água e um pano e o soldado começa a limpar o Cavalo; e, uma a uma, as marcas vão aparecendo ... . Aí a cena adquire densidade.

Os presentes, até então ocupando-se com o que assistiam, vão migrando de incrédulos a impressionados e, em completo silêncio, os semblantes vão deixando claro que eles acreditam no cego ter reconhecido um animal todo embarrado e que este animal era um seu 'ente querido'.

O major e o sargento faziam parte da assistência do que ocorria e quando o major, convencido agora de que sua ordem devia ser mudada, vira-se para o sargento e este já está guardando a arma. Seriam o oficial e seu sargento telepatas? Não, apenas o sargento intuiu a ordem do oficial. Por quê? Como? Por serem ambos partes de um mesmo todo, vivenciarem a mesma situação, terem os mesmos objetivos.

A ordem 'sacrifique este animal' e a contra-ordem 'vamos tratá-lo' eram ambas expressões do adequado, do devido, do necessário. Para concluir: há profunda ligação entre o dito de Follet e uma das mais centrais virtudes no campo de batalha - a iniciativa.

**Marcos Paz do Nascimento, Coronel Cav EM Veterano do EB**

\*\*\*\*\*

## **Colônias militares**

**José Carlos Pöppel Filho - Cel Inf Tu 76, Ex-Cmt do 9º BIMtz, Pelotas, RS**

**O** Brasil herdou de seus antepassados território(s) com dimensões relevantes, o que determinou aos seus gestores estabelecerem políticas e estratégias, visando preservar tal patrimônio. Os desafios com relação à preservação da porção amazônica deste território estão postos há séculos (MEDEIROS FILHO, 2020).

Sendo assim, durante o período colonial, os portugueses construíram fortes em pontos estrategicamente situados, os quais garantiram as terras conquistadas. Da mesma forma, no Brasil Império, e em particular no II Reinado, alguns fortes foram sendo substituídos por colônias militares, que também foram criadas em outros locais de interesse.

No final dos anos de 1840, as fronteiras estavam em estado de abandono, o que provocou no Império a necessidade de estabelecer política para elas (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 68). Naquela ocasião surge o

pensamento de desenvolver e povoar regiões estratégicas do território: Não bastava ter pontos fortificados e destacamentos regulares por toda nossa extensa fronteira, era preciso desenvolver por toda ela uma **população agrícola ou industriosa** [...] (RIBEIRO, 1844, p.19 *apud* RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 68, grifo nosso).

Além disso, no Pará de 1840, registravam-se revoltas internas em oposição ao Império, o que acelerou a iniciativa de colonizar a região.

“A colonização militar legitimava-se tanto pela defesa interna quanto pela defesa externa do território nacional, e no caso do Amapá, ambas eram tidas como prementes” (ROMANI; SOUZA; NUNES, 2014, p. 173).

Assim, nesse contexto, as colônias militares foram instituídas no II Reinado do Brasil Império e se estenderam até meados do Século XX, devido à necessidade de defender pontos estratégicos do território, afastar condenados do seio social e propiciar o povoamento do interior.

A concepção de colônias militares representa uma evolução do antigo conceito de vigilância e proteção militar, por meio da construção de fortes e fortins” (MATTOS, 2011, P. 112), o que é ratificado pela expressão de que “a permanente vigilância do território nacional passou, também, a exigir uma colonização militar” (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 66).

Segundo Medeiros Filho,

“Vale destacar que tais estratégias fronteiriças eram parte de uma política muito mais ampla do Império de busca da manutenção de sua própria unidade territorial, na qual as províncias funcionavam como circunscrições territoriais da unidade geral” (MEDEIROS FILHO, 2020. p.81.).

O modelo adotado no Brasil foi inspirado no modelo praticado pelos franceses na Argélia, pelas circunstâncias peculiares daquele país, dos usos e costumes, sendo o que melhor se aplicaria ao Brasil. Eram colônias agrícolas, religiosas e militares, que visavam a defesa das fronteiras e a catequese dos indígenas (VASCONCELLOS *apud* ROCHA, 1919, p. 310).

As colônias foram “instrumento para criar as condições de produtividade, em um ambiente hostil e isolado, um movimento de povoamento, de segurança e de defesa territorial, que exigiam dos colonos a superação das dificuldades impostas pelo espaço”. (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 73).

Lembrando que no final do século XIX e início do século XX, o desconhecimento das dinâmicas naturais, a presença de populações nativas resistentes ao contato faziam de parte da região amazônica um risco real para militares e colonos oriundos de outros locais do Império, algo só superado na segunda metade do século XX (FRANCHI, 2017. p. 57).

No Brasil, foi acrescentado o papel penitenciário às Colônias, visando retirar criminosos do meio da sociedade, mas preservando o fim original: guarda e defesa das fronteiras, catequese e civilização de indígenas, proteção à navegação fluvial e colonização agrícola (VASCONCELLOS *apud* ROCHA, 1919, p. 311).

Ressalta-se que, “presídio significava, na época, vila militar” (FROTA, 2000, p. 166), reforçando a consideração de que o termo presídio se confunde com a palavra colônia, devido à presença de população junto delas, ou seja, os **presídios** também eram empreendimentos de **colonização**, mas usavam condenados ao invés de colonos voluntários (FRANCHI, 2013, p. 184, grifo nosso).

Em seguida, vamos ver que esta experiência simbólica – **forte-povoamento** – frutificou, e o Império, em 1840, ao criar as **Colônias Militares**, pretendeu estendê-las como processo de fixação de população em determinados pontos da **fronteira** terrestre desabitada; o **forte** já não era tão necessário, mas o **quartel** o substituiria, oferecendo **um apoio social à população** adjacente (MATTOS, 1990, p. 101, grifo nosso).

As colônias militares tinham caráter mais militar do que civil, além de serem “em grande parte compostas de militares e suas famílias, em maior número do que paisanos; mas todos sujeitos a administração e regime militar”. (VASCONCELLOS, 1865, pp. 6 e 7).

As colônias passaram a ser administradas pelo Ministério da Guerra a partir do Decreto nº 2.748, de 16 de fevereiro de 1861, em seu artigo 11, parágrafo 2º (VASCONCELLOS *apud* ROCHA, 1919, p. 311). Havia previsão de que as colônias passassem a ter administração civil, assim que deixassem a tutela imediata do governo, segundo Vasconcellos (1865, p. 7).

Convém lembrar que os núcleos coloniais submetidos à disciplina e comando militares não eram uma novidade no Brasil. No final do Setecentos, algumas colônias agrícolas criadas no extremo sul da América Portuguesa tinham este perfil: eram formadas com famílias de açorianos, madeirenses ou de degredados portugueses, mas dirigidas por oficiais militares da ativa.

A entrega da direção a militares era justificada como uma maneira de “evitar que os colonos se dedicassem ao abominável vício da preguiça nem ao outro igualmente pernicioso que é o do desprezo do trabalho manual”.

Elas visavam consolidar, para os portugueses, a posse daquela região, alvo de constantes disputas com a Espanha. Paralelamente, a Coroa portuguesa distribuiu sesmarias e cargos militares para criadores de gado da região. Para defender a própria sobrevivência, os chamados “colonos soldados” e “estancieiros soldados” iam assegurar o domínio português na região.

Por fim, conclui-se que as Colônias Militares favoreceram a colonização e o povoamento, particularmente da região Norte. Isso se deu na medida em que essas colônias contribuíram com a defesa, a segurança e o desenvolvimento das regiões estratégicas onde foram instaladas.

Elas possibilitaram a integração entre ribeirinhos e colonos, promovendo assim a vivificação de locais estratégicos para a Defesa, por se tratar de vias penetrantes no território nacional e/ou estarem muitas vezes próximos das linhas de fronteiras.

## Referências:

FRANCHI, Tássio. **Da conquista do inferno verde à proteção do paraíso tropical: o discurso brasileiro sobre a Amazônia no século XX**. 2013. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14525>. Acesso em: 14 jun. 2020.

FRANCHI, Tássio. Medo e Miscigenação: a visão dos povos da floresta nos relatos dos militares brasileiros no século XX. **Revista SILVA**, v. 1, p. 48-65, 2017.

VASCONCELLOS, José Rufino Rodrigues. Relatório da Primeira Seção - Colônias militares. In: BRASIL. Relatório do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra. Arquivo Histórico do Exército. Rio de Janeiro. 1865. pp. 6-9.

MEDEIROS FILHO, Oscar. Desafios do Exército Brasileiro nas fronteiras amazônicas. Coleção Meira Mattos: **Revista das Ciências Militares**, v. 14, n. 49, p. 77-97, 2020.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e Teoria de Fronteiras: fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1990.

MATTOS, Carlos de Meira. **Uma Geopolítica, vol. III**. Rio de Janeiro: Editora FGV, Coedição com a Biblioteca do Exército – Geopolítica e teoria de fronteiras, Geopolítica e Modernidade e Geopolítica e Trópicos, 2011.

RODRIGUES, Fernando da Silva; SILVA, Érica Sarmiento da. Estudos sobre colonização e imigração no norte do Brasil (1840-1930). **Revista de História Regional**, v. 22 (1), 2017, pp. 53-73.

%%%

## Você sabe o que era (ou é) um feudo?

**A**o contrário do senso comum, os feudos (na Idade Média) não eram necessariamente terras, cuja denominação mais adequada era, aliás, senhorios. Podiam ser senhorios, mas também direitos outros, como a cobrança de pedágios, a exploração de florestas etc. Ou também recompensas mais diretas, como numerário, peças preciosas, armas, armaduras, montarias, roupas e subsistência, por exemplo.

# Ucrânia, e agora?

Marcos Paz do Nascimento, Cel Cav EM Veterano do EB

**P**ara que ninguém perca seu tempo, este que escreve explicita continuar simpático à causa russa (que não é a causa do Sr. Putin) e não crer mais, como outrora, que o Exército Russo possa travestir-se de “Russian Army” e resolver o conflito em curso na Região da Ucrânia segundo o desígnio de Moscou. Adianta ainda que o texto explora, superficialmente é claro, uma, não ‘a’, vertente explicativa da questão, com foco na política e não na identidade nacional.

Na sequência do desmantelamento do Império Soviético, as sociedades pós-soviéticas estão vivenciando um processo de separação das categorias da ação social (política, econômica e comunal). Este processo reflete a herança histórica e, claro, as contingências de cada caso. A literatura sobre este tipo de processo foi descoberta e consultada (sumariamente) por este que escreve em “*The Anatomy of Post-Communist Regimes- A Conceptual Framework*”; CEU PRESS; Central European University Press; Budapest – New York; © 2020 by Balint Magyar and Balint Madlovics.

Arrisco-me (primeira pessoa do singular) a dizer que muito da mesma poderia embasar estudos em sociedades como a nossa, na qual acontecimentos recentes tem evidenciado a força do compadrio e a resiliência de mecanismos de inversão de valores supostamente tão ferrenhamente defendidos. Qualquer semelhança NÃO é mera coincidência, mas limitemo-nos aos pós-soviéticos.

No caso específico da Ucrânia, que com algum- mas não muito- exagero, poder-se-ia dizer uma Federação Russa (doravante Rússia) em miniatura, as contingências históricas têm sido um tanto diferentes do ‘irmão mais velho’, mas a herança histórica é, em larga medida, a mesma.

Pergunto então, por que tudo que é da Rússia é negativo e tudo o que é da Ucrânia é positivo? Alguém, em sua consciência, pensa que as elites ucranianas livraram-se por passe de mágica dos arraigados hábitos de corrupção das elites ex-soviéticas (agora russas)?

Alguém, em sua consciência, entende que o ucraniano comum é menos focado no bem-estar próprio e dos seus entes queridos que o russo comum? A Rússia recorre às suas leis de recrutamento e contrata estrangeiros (aqui mercenários) e daí conclui-se que a guerra é do Sr. Putin apenas. E quando a Ucrânia proíbe (palavra feia) a emigração de homens em idade militar e aceita estrangeiros (aqui voluntários, é claro), a guerra é de quem?

A literatura supracitada elenca regimes políticos a partir da separação, de inexistente a consolidada, entre as esferas da ação social e assinala a Ucrânia como estando entre os estágios de ‘patronal democracy’ e ‘patronal autocracy’. De modo a explicitar a ideia central do continuum, valho-me de tradução livre (fortemente ‘by Google’) de “9789633866641-Ukraine’s Patronal Democracy and Russian Invasion”, página 13/420, esclarecendo que os dois autores citados (Magyar e Madlovics) são os autores da obra inicialmente referida.

“Em essência, o termo política patronal abrange sistemas nos quais as pessoas trabalham principalmente através de redes de compadrio para alcançar os seus fins políticos e econômicos, inclusive através da troca individualizada de favores. De forma mais geral, os países apresentam um elevado nível de patronalismo quando, como argumentaram Balint Magyar e Balint Madlovics, as suas “esferas de ação

social” política, econômica e comunal não estão separadas da forma como se supõe que o sejam na sabedoria convencional (aqui significando a teoria política de tradição ocidental)”.

Esta é, no entender deste que escreve, a questão central por trás da Euromaidan (como ficaram conhecidos os acontecimentos que provocaram a ruptura do sistema político ucraniano em 2013/14 e alertaram a Rússia de que a influência ocidental estava se tornando avassaladora). Não por acaso, as questões de entrosamento com o bloco econômico europeu ou com o incipiente bloco russo são conexas. O problema é que questões desta magnitude não se resolvem de um dia para o outro, as sociedades vão construindo seus caminhos e é bom que o façam sem desconsiderar a realidade extra-muros também.

No caso da Ucrânia, que realidade extra-muros é esta? O projeto político do Sr Putin (forjado e vazado nos moldes da cultura política russa) busca (e não há nada de surpreendente nisto) manter a Rússia como um player mundial. Isto tudo aconselharia para os naturalmente envolvidos com o desenrolar de tal projeto um tanto de cautela, o que não significa abdicar da soberania, mas entende-la contextualizada e real e não teórica e absoluta.

De alguma forma, misturaram-se (ou foram misturadas?) questões reais que demandavam e continuam demandando soluções práticas e sustentáveis (significando aqui que os diretamente envolvidos as vêem como minimamente satisfatórias). Assim por exemplo, se a Criméia voltar à soberania ucraniana, tudo o que a Ucrânia conseguirá ser é potência ocupante, pois há mais russos do que ucranianos lá. As regiões fronteiriças da Ucrânia com a Rússia a Este são e continuarão sendo problemáticas para ambos os lados e, em qualquer acerto que almeje paz e segurança, exigirão algum tipo de compartilhamento de poder.

Mesmo para os defensores de um modelo de Estado/sociedade para a Ucrânia pautado pelo exemplo ocidental, no que os autores citados denominam de ‘democracia liberal’, vale lembrar que este tipo de sistema político só sai do papel quando as vivências sociais o respaldam e que tal processo não se consuma de um dia para o outro. Além disto, há outras correntes dentro do País e qualquer que seja a que estiver em vantagem o entorno continuará existindo e necessitando de soluções de convivência.

Assim a Ucrânia, seja qual for seu regime político e suas alianças econômicas, precisará conviver com o vizinho russo, bem como Belarus, Polônia, etc... .

Por que a solução de enfrentamento com a Rússia? Por que, exatamente na busca do avanço na implantação de vivências democráticas e pluralistas de impulso ao consenso nacional, não posicionar-se claramente pela não entrada na OTAN? Deixo claro não ter ideia de que o Sr Putin, e a nomenclatura que o cerca, sejam democratas ou defensores de ideais Wilsonnianos. Nada disto, o Sr Putin é um autocrata bem de acordo com os (péssimos) exemplos de sua cultura nacional, mas isto não é novidade.

Dois anos de guerra, maciça ajuda militar ocidental, sanções econômicas à Rússia e a guerra simplesmente continua. Por quê? Simplesmente porque nenhum dos lados conseguiu impor militarmente sua vontade. É crível que algum deles o faça a curto prazo? Penso que não.

Aí está, para este que escreve, o nó da questão: a aposta foi alta para ambos os lados.

A Rússia não logrou superar o ‘gap’ tecnológico que o auxílio ocidental constitui e, pelo demonstrado até agora, não está disposta a fazer a guerra de terra arrasada que historicamente engrandeceu o Exército Vermelho (os afegãos que o digam) e o próprio Exército da Federação Russa (os chechenos que o digam).

Com os ucranianos é diferente, matar o doente para extirpar a doença aqui é contra-producente (isto até o Sr. Putin entende). De qualquer forma, a estrutura do Estado russo, seu momento político, a retomada do orgulho nacional e o surgimento de um projeto, o qual - por defasado que seja - é melhor do que tornar-se peão de Washington, além da abundância de recursos naturais do País indicam um contendor resiliente. Que esta resiliência abasteça-se também com contratados (aqui mercenários), nada demais.

Os ucranianos por sua vez, propaganda à parte, não parecem assim tão dispostos a morrer pela Pátria. Deixo claro não desconsiderar o projeto de uma Ucrânia independente e soberana, apenas não sei se ele é arraigado o suficiente nos corações ucranianos para garantir ao projeto do Sr. Zelensky a resiliência que lhe está sendo cobrada.

Uma coisa é encher as praças pedindo um governo à Ocidente, outra é participar de ações bélicas rápidas e resolutivas, e outra ainda é conviver com as ameaças da guerra e ficar à mercê de um sistema de recrutamento no qual o governo de Kiev já precisou interferir algumas vezes (sem contar é claro que logo nos momentos de maior ardor patriótico - o início da guerra- este mesmo governo precisou proibir a emigração de homens em idade militar). Não é à toa que já há líderes europeus (prepostos americanos para ser mais exato) falando em ‘enviar tropas’.

No campo político, a guerra tornou-se ‘uma guerra de trincheiras’ e é aí que a Rússia vê suas chances crescerem. A Rússia luta com seus meios, a Ucrânia, em boa parte, com meios que lhes são vendidos, alugados, doados, etc..., ou seja, que dependem de vontades outras para serem disponibilizados. Além disto, por não ter seu discurso justificatório atrelado a nenhum tipo de beneplácito eleitoral, a Rússia não precisa se preocupar com se o povo quer continuar lutando ou não. A Ucrânia, sim. Em algum momento ela precisará conduzir eleições, que precisarão ser limpas e transparentes, ou então o alemão, o francês e o etc... que estão vendo seu dinheiro ser torrado perguntarão por que precisam gastar tanto para sustentar um ditador.

Conclusão, não vaticínio: esta guerra terminará empatada. A Criméia será eternamente russa e se a Ucrânia for esperta arrancará alguma compensação disto; as tais Repúblicas que a Rússia reconheceu ficarão no limbo, qualquer que seja a soberania formal, na prática ela será partilhada e as minorias serão monitoradas; a Ucrânia não entrará na OTAN embora todos a saibam membro ‘honoris causa’; toda a fronteira da OTAN com a Rússia, Belarus e qualquer estado cliente cujas elites sintam-se mais favorecidas fazendo-se russófilas será um foco permanente de tensão à Guerra Fria.

As intrincadas questões que a facilidade com a qual o Partido Comunista da União Soviética realocava populações inteiras deixou para a Europa serão abordadas com mais sobriedade e algumas talvez estiolem-se com o simples passar do tempo (em um dos Estados Bálticos - não fui ao Google pra ver qual é- a população de origem russa é maior do que a de origem nacional, e ele é membro da OTAN).

Deixamos para outra hora falar do grande ausente (aquele que mesmo não indo à reunião, dá seu tom), os Estados Unidos da América, mas adianto que só vejo uma explicação para o ‘Por que expandir e expandir e expandir a OTAN (uma aliança que jacta-se de não ter inimigos)?’

Simplesmente para implodir de vez a Rússia (simples assim). Isto faz da Rússia um Estado inocente e que não busque ter sua esfera de influência e segurança? Claro que não, nem o Vaticano, não nos iludamos.

---

---

**Como o Mossad, um dos serviços secretos mais competentes do mundo, pode ser surpreendido com o ataque do Hamas sem ter alertado ao governo de Israel? Parece um típico caso de entregar a dama para dar o xeque-mate em seguida?**

Silas E. Cardoso, do Quora.com

**O** Mossad não foi surpreendido, justamente porque o Hamas não é competência do Mossad. Temos que entender que Israel tem três agências de inteligência diferentes: O Mossad, o Shabak (também conhecido como Shin Beth) e a Aman.

O Mossad apenas se encarrega da inteligência externa enquanto o Shabak fica com a interna e a Aman (da qual faz parte o Shayeret Matkal, uma das principais unidades de operações especiais de Israel) com a inteligência militar.



*Ao lado, o logo do Shin Beth*

Fazendo uma comparação com a inteligência dos EUA, é como se o Mossad fosse a CIA e o Shin Beth a NSA. Dentro da inteligência israelense, qualquer coisa relacionada com os palestinos (o que inclui o Hamas) é considerada competência do Shin Beth porque o governo de Israel vê isso como assunto interno.

Logo, a culpa de não ter conseguido descobrir a invasão do Hamas a Israel a tempo não é do Mossad; o erro na

verdade foi do Shabak.

Não podemos culpar o Mossad por não cumprir uma missão que não lhe foi dada.

@@

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS ([lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com))**

**Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)**

**Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)**

**Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)**

**Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:**

**<http://historiapatriota.blogspot.com>**